

CMP 1.2.1.3

# O PROBLEMA DAS RAÇAS HUMANAS

## O grão que a raça occupa na Taxonomia

Dr. George Montandon

As divisões do reino animal são concebidas geralmente em seis graus:

- RAMOS — (por exemplo — Vertebrados).
- CLASSES — (por exemplo — Mamíferos).
- ORDENS — (por exemplo — Primatas).
- FAMILIAS — (por exemplo — Homínidos).
- GENEROS — (por exemplo — *Homo*).
- ESPECIES — (por exemplo — *Homo sapiens*).

Cada grão pôde ser subdividido, a subdivisão mais commum sendo a que crea sub-ramos, sub-classes, sub-ordens, sub-familias, etc.

Pôde-se reservar espaço maior entre a ordem e a familia, e isso pôde indicar duas coisas:

1º — Uma sub-divisão especial, é, ás vezes, ahí intercalada, a tribu, com sub-tribus eventualmente.

2º — certos autores operam ahí uma separação mais importante do que entre outros grãos porque, para elles, se as leis de um transformismo por assim dizer immediato pudessem ser admitidas quanto ao desenvolvimento das fórmulas dos tres últimos grãos uns nos outros, a conexão entre os grupos designados pelos tres primeiros grãos seria menos apparente.

Algumas noções simples e uteis devem, ainda, ser recordadas.

Quando, no campo se vê fugir o animal que se chama raposa, designa-se-o pelo nome da ordem á qual pertence e diz-se "uma carnívoro" ou chama-se-o pelo nome da familia exclamando-se "um carnívoro!" ou emfim pelo nome da especie dizendo-se "uma raposa vulgar?" — Não. Designa-se-o pelo nome do genero e diz-se "uma raposa!". Do mesmo modo, em presença de um urso, não se dirá "um carnívoro", ou "um ursídeo", ou "um urso pardo", mais simplesmente "um urso." É que pelo nome de genero que o grande publico designa summariamente um animal. E antes de Linneo, que, embora botânico antes de tudo, é o que introduziu os métodos modernos de classificação para o conjunto das sciencias naturaes, considerava-se o genero como a unidade geologica; isto é, embora não discutindo nem examinando mais de perto o problema como hoje, admittia-se o genero como dado, como "creado", enquanto que as sub-divisões do genero pareciam parentes entre si e sómente diferenciavam pelos effeitos do meio exterior.

Linneo fez considerar a especie e não mais o genero como o que se pôde chamar a cellula taxonomica; a especie, todos o sabem, é designada por um adjectivo proposto ao substantivo do genero: *Vulpes vulgaris*, (raposa vulgar), *Ursus arctos* (urso pardo), *Homo sapiens* (o Homem), ou melhor, o Homínio humano). Linneo admittia que as especies tinham sido creadas e que ellas se não modificavam, comquanto pudessem dar nascimento a sub-especies ou variedades. Pôde-se dizer que a especie é o conjunto dos animaes que se parecem tanto entre si quanto se parecem os seus paes, mas o melhor característico da especie, ainda hoje reconhecido geralmente por ser valida na maior parte dos casos, é physiologico; é o caso da infecundidade entre especies distinctas, ou, pelo menos, se houver fecundidade, da produção de híbridos infecundos.

Depois de Linneo, no entanto, e sobretudo sob a influencia do botânico hollandez De Vries, a especie é concebida como uma entidade mais complexa. Convém notar que essa nova noção se applica mais claramente á botânica.

Na botanica há especies e es-

pecies, isto é, antes de tudo as especies segundo Linneo permanecem reconhecidas e são chamadas especies *systematicas* ou *linneanas*; mas essas especies linneanas comprehendem sub-divisões de valor differente. Ou então, — primeiro caso — uma especie systematica se compõe de certo numero de sub-divisões todas ellas eguaes entre si, chamadas especies *elementares*, e são estas especies muitas vezes difíceis de discernir umas das outras, que constituem verdadeiras linhagens, enquanto que a collecção dessas linhagens, só apresenta uma unidade apparente. Assim, a especie *linneana* ou *systematica* ou *classificadora*, ou *grande especie*, se chama, também, especie *collectiva*, por opposição á especie *elementar*, *jordaniana* ou *pequena especie*.

Poder-se-ia crer que o reconhecimento da especie elementar demonstra simplesmente a artificialidade da escala taxonomica e que esta especie corresponde ao que Linneo entendia por sub-especie ou variedade. De modo algum é assim; a variedade é coisa bem diferente da especie elementar. Com effeito a especie linneana, em lugar de estar sempre composta de uma collecção de especies elementares, de dignidade igual, differindo uma das outras pela quasi totalidade dos seus caracteres — diferenças mínimas, é verdade, — pôde — é o segundo caso — comprehender um ou varios tipos em volta do qual os dos quaes se agrupam variedades por modificação, por perda em geral, de um só caracter. A profundidade da diferença entre a variedade e a especie elementar é manifestada pelo facto de que as famosas leis de Mendel seriam, segundo De Vries, valiasas para as variedades, mas não para as especies elementares. Em summa, a especie systematica pôde ser comparada a uma constellação de estrellas, mas não a uma constellação de astros eguaes e igualmente afastados uns dos outros. É uma grande constellação constituída de pequenas constellações — grupos de especies elementares; esses proprios grupos podem ser formados: seja por estrellas eguaes, seja por uma ou algumas estrellas maiores cercadas por um ou varios satellites — as variedades.

Ha, ainda, um aspecto das especies — é mesmo o mais claro de todos — que foi formulado por Lotoy, botânico hollandez como De Vries. Elle deve ser descrito devido á clareza que resalta da sua concepção, mas esta concepção tem o ensejo de ser muito simplista — e é por isso que ella é exposta á parte; com effeito, segundo Lotoy, toda evolução, desde a origem e até a formação das variedades recentes, repousaria sómente sobre a hybridação. Este autor considera cinco sortes de grupos no quadro da especie linneana:

1º A especie chamada linneana não é uma especie. Assim a palavra especie deve ser supprímida desse termo e deve ser chamada *linnéon*. O *linnéon* é constituído simplesmente por individuos que se parecem mais entre si do que com outros individuos. Sómente o criterio morphologico, entra em jogo para a determinação de um *linnéon*, quaesquer que sejam as variedades que possam ser produzidas pelo cruzamento endogamo dos individuos que o constituem. Assim os ratos brancos communs formam um *linnéon*.

2º Se, no entanto, se cruzam entre si os ratos brancos do *linnéon*, observar-se-á que, de tempos a tempos, nascem variedades. Em compensação algumas dessas variedades, cruzadas entre si, dão sempre e exactamente o mesmo tipo, sem impureza. Essas especies aparentemente puras são especies *jordanianas*. Comtudo ainda aqui a pureza, não é to-

tal; ella é apenas apparente; o termo especie não lhe convem; tal grupo deve-se chamar de *jordanon*.

3º — Se se cruzar femeas brancas de um *jordanon* com um unico e mesmo macho negro, nascerão descendentes negros e brancos, segundo as proporções chamadas mendileanas; mas não é disso que se trata. Trata-se do seguinte: o mesmo macho dará, com certas femeas do *jordanon* branco, híbridos negros ou brancos em proporções mendileanas, porém o mesmo macho dará, com outras femeas do mesmo *jordanon* branco, híbridos, não negros nem brancos, mas cinzentos ou brancos (em proporções mendileanas). Havia, por tanto, no *jordanon* dois tipos de gametas (ou cellulas germinaes, isto é, elementos sexuaes seja machos seja femeas). Sómente os grupos de individuos que trazem cada um o mesmo e unico tipo de gametas — grupo monogamético — merecem o nome de especie. Os individuos de uma especie (especie verdadeira), darão não só *variatur* individuos identicos mas também resultados identicos nas experiencias de hybridação.

Assim o *linnéon* é determinado por um exame morphologico, o *jordanon* pelos cruzamentos endogamos a especie pelos cruzamentos exogamos. (Eventualmente a especie verdadeira, pelo menos em botanica, poderá ser reconhecida por uma analyse chimica; essas especies morphologicamente identicas, mas chimicamente diferentes, são chamadas, também, especies *biologicas*).

4º — Os productos dos cruzamentos das especies verdadeiras são híbridos.

5º. — As variações devidas ao meio, variações que se não herdam, e se apagam se o tronco é reposto nas condições primeiras, são *modificações*.

Vê-se que acontece com a especie como com o atomo. Considerado outrora como uma construção relativamente simples, elle se revelou, o atomo, mais tarde, uma microcosmo de uma complexidade extrema e cujos elementos ainda não estão certamente conhecidos. Da-se e dar-se-á o mesmo com a especie.

O quadro sendo este onde collocar o Homem? Esta pergunta se decompõe, ella propria, em duas outras perguntas: 1º. — Que grão taxonomico occupa o Homem actual? — 2º. Por quantos grãos se terá de repartir os que se pôde considerar como os ascendentes e os paes do Homem?

Não deve ser necessario observar que não mais se reconhece ao homem um logar especial e isolado na natureza, que não mais se admite reino humano do mesmo modo que um reino animal e um reino vegetal. Como qualquer outra unidade, o Homem occupa uma prateleira da classificação zoologica.

Respondamos, então, á primeira pergunta: l'que grão taxonomico occupa o Homem actual? ..

Giuseppe Sergi, de Roma, acha que o Homem actual comprehende tres generos. Isso é uma opinião extrema, que só pôde ser mencionada. Ella só tem, por assim dizer, uma desculpa: o facto de Sergi ser polygenista, pois é logico que, se o Homem vem de varios pontos do horizonte, as diferenças entre os grupos assum formados offerecem certa dignidade; outros polygenistas, ao contrario, admittem que os troncos diferentes na origem se concretizaram no Homem actual em especies ou mesmo sómente em raças diferentes.

Nenhum outro autor além de Sergi reconhece no Homem varios generos; mesmo a opinião segundo a qual haveria um genero humano abrangendo varias especies cede o logar á que reconhece que o *Homo sapiens*, o Ho-

mitio humano, forma uma e só uma especie. A especie humana satisfaz, com effeito, ao criterio segundo o qual são membros da mesma especie os individuos que produzem entre si seres fecundos, pois se sabe que, quaesquer que sejam as diferenças de fecundidade, todas as raças humanas podem ser misturadas, mestiçadas e originar productos fecundos.

O conjunto das raças actuaes será considerado, assim, como constituindo uma especie, mas já se viu que a especie é uma unidade elastica e complexa. Um outro autor italiano tirou consequências proprias de novas vistas sobre a especie, tal e qual foram em parte introduzidas por De Vries. Tendo em consideração a hierarchia que se pôde estabelecer nas diferenças entre os agrupamentos raciaes humanos, Giuffrida — Ruggieri assimila a especie humana a uma especie *collectiva*, termo que aqui vae muito bem, melhor do que os synonymos de grande especie, de especie classificadora, systematica ou linneana. Esta especie *collectiva* dividir-se-ia num certo numero de especies elementares (elle distingue oito, cuja ennumeración não vem a proposito fazer agora), decompondo-se cada especie elementar num certo numero de variedades, e as variedades em sub-variedades.

Esta concepção engenhosa tem o defeito de não comportar entre as especies elementares humanas e as variedades humanas a diferença physiologica que destinha essas subdivisões para De Vries. Realmente as leis de Mendel deveriam ter acção entre variedades mas não entre especies elementares, enquanto que o mendelismo no Homem, por mais que actue, não permite, no estado actual dos nossos conhecimentos, operar uma separação entre grupos concebidos como especies elementares de um lado e grupos concebidos como variedades do outro. Mas poderá ser que as maneiras de ver de De Vries sejam por demais schematicas, mesmo em botanica, e occasião ainda virá de constatar que a especie humana e suas subdivisões funcionam, sob varios aspectos, um tanto differentemente das especies animaes, estado de coisas paralelo de um lado á extensão da especie humana em toda a superficie da terra — ao passo que nenhuma outra especie goza de tal expansão, — parallela por outro lado ao facto das hybridações entre grupos humanos se darem em tão vasta escala que as leis que regem as hybridações são no Homem particularmente, difficilmente discerníveis. De modo geral pode-se dizer que se, no conjunto da natureza, as leis são as mais das vezes mais leis estatísticas do que leis reaes, isso parece especialmente verdadeiro para o Homem cujos aspectos diversos não deixam comter no quadro regras absolutas.

Assim teremos que nos contentar em considerar a hierarchia que existe nas diferenças que separam os grupos humanos subdividindo a especie em sub-especies, as sub-especies em variedades e as variedades em sub-variedades, mas, para levar em conta o que ha de particular no phenomeno humano, será empregado o termo habitual de raças, utilizando-se-o mesmo de modo por assim dizer exclusivo. Para as sub-especies diremos, pois, as gran-raças, termo tão simples e mais claro que os de tronco, etc., e que tem a vantagem, por opposição a grande-raça, de permitir á formação do adjectivo *gran-racal*. Para as variedades dir-se-á as raças, como se faz habitualmente. Para as sub-variedades dir-se-á *sub-raças*. Por fim as sub-divisões das sub-raças, quando forem necessarias, serão qualificadas de *grupos somaticos* e de *sub-grupos somaticos*, com o adjectivo *somatico* a mostrar que esses grupos e sub-grupos são sempre concebidos estritamente dentro do quadro da anthropologia physica (1).

Para fixar de um relance as idéas sobre a repartição de base das gran-raças actuaes notar-se-á que o numero mínimo admissível é 3: os negros, os amarellos, os brancos. Após ter sido adoptado geralmente pelo gran-

de publico, mas abandonado pelos sabios, esse numero 3 recentemente conheceu de novo prestigio entre alguns anthropologos. Elle parece ser, no entanto, por demais reduzido. Georges Hervé admittia 4, correspondente aos 4 centros de origem: na Africa, na Europa, na Asia norte-oriental, na Indonésia. Eugene Fischer; de Berlim, também admittit 4: os negroides os australoides, os europoides e os mongoides, o que é uma retomada da concepção de Huxley. Se não quizer ir ao numero 8, proposto por diversos autores que vlam, aliás, na ennumeración destas 8 gran-raças (Topinard numa das suas concepções, Giuffrida-Ruggieri, eu proprio nas *Ologenese humana*), parece-nos que pelo menos dever-se-á reter o numero 5, a saber: os Pygmoides, os Negroides, os Australoides, os Mongoloides e os Europoides.

É preciso responder, agora, á segunda pergunta estabelecida acima: Por quantos grãos taxonomicos dever-se-á repartir o Homem e seus ascendentes? ..

Uma discussão previa esclarecerá o assumpto.

Mil é uma vez provocou o elo, o *missing-link* que deve unir o Homem aos mais proximos animaes, isto é, aos macacos anthropoides, pois, quando se se encontrava em face de uma descoberta apresentada como tal, contestou-se-lhe sua qualidade de *missing-link* porque o achado em questão não se encontrava a distancia igual entre o Homem e os anthropoides. É assim que não mais tarde de 1923 um zoologo, fallecido ha pouco, catalogava o Pithecanthropo como macaco e o Homínio de Neandertal como um homem, porque nem um nem o outro estavam a distancia igual entre os dois grupos actuaes mais vizinhos.

Taes observações tem de ser feitas a proposito:

a — Era e é ridiculo falar de um *missing-link*. Os dois grupos humano e anthropoide, ambos hoje sobre a Terra, não são unidos por uma linha reta intermedia, mas por uma linha em ferradura, arqueada, em abobada, o alto da abobada mergulhando na prehistoria. Qualquer se adopte, as variações por fluctuações lentas ou as variações por mutações (2), é bem evidente que a abobada não pôde ter sido construída com uma unica pedra, mas sim por um encaedado de elementos constructores. Não ha, pois, um *missing-link* mas numerosos *missing-link* — e isso de modo algum é a mesma coisa. Pois

b — Isso faz comprehender que se se cõe num dos *missing-link* tem-se todas as possibilidades estatísticas de não se achar em presença de um dos que se encontram precisamente a meio caminho dos grupos actuaes (poder-se-á, demais, admittir que a meio-caminho se encontram dois grupos reaes igualmente distantes do meio-caminho theorico e irrealizado). Seria, pois, inteiramente natural que, entre os elos até hoje descobertos, não houvesse nada que representasse uma etapa media ideal. É preciso contar com o tempo para completar a collecção.

c — Com effeito o espaço entre o Homem e os Anthropoides já está parcialmente enchido de modo bem feliz.

Os dois pilares da abobada que nos serve de imagem são representados um pelo Homem e outro pelos Anthropoides e, entre estes, pelo Gorilla e o Chimpanzé, enquanto que o Urangtango e o Gibbon são muito mais longinquamente aparentados do Homem.

Ora, graças á paleontologia, os dois pilares tem hoje, por cima, cada um delles, outro trecho de construção, ligados um e outro a cada um dos pilares e ambos os trechos de construção determinando uma aproximação para o centro da abobada. Trata-se, de um lado, dos Homínios, e saber do Homínio de Neandertal e do Homínio da da Rhodésia, sem fallar de recentes descobertas cuja natureza ainda está em discussão. Refiro-me aos Anthropoides fosséis que são o Dryopitheco e o Australopitheco. Estes dois macacos anthropoides apresentam especial interesse,

tanto sob o ponto de vista biologicamente quanto sob o morfológico; enquanto que o habitat actual dos Anthropoides, o Gibbon inclusive, só se estende por Bornéu, Sumatra, Indochina e Africa central, o Dryopitheco occupou a Europa occidental (em particular a Suabia) e o Australopitheco o sul da Africa; morphologicamente o Australopitheco é o mais elevado dos Anthropoides, isto é, o que marca a maior tendencia para a forma humana. Entre estes dois grupos, Homínios e Anthropoides fosséis, temos, agora, todos os seres designados geralmente pelo nome generico de *Anthropus*, para bem accentuar que não mais tratamos do genero *Homo*. É aqui, talvez, que se deva enfileirar o ser chamado *Homo heidelbergensis* (o Homímio de Mauer) e o *Eanthropus Dawsoni* (o Homovídio de Piltodon); é, em todo o caso, aqui que se se enfileiram o *Sinanthropus Pekinensis* (o Homonídeo de Pekin) e o *Pithecanthropus erectus* (o Homonídeo de Java). Não vem a proposito aqui descrever esses seres; basta saber que se não pôde ser melhor servido em assumpto de *missing-links* proximos do meio theorico procurado entre os grandes macacos e o homem.

Taxonomicamente os primeiros elos que precederam o homem — o Neandertalico e o Rhodésiano — serão considerados como especies diversas da especie humana, formando com esta o genero *hominio* (e não humano), o genero *Homo*. Os elos que são anteriores — geologicamente e morphologicamente — ao genero *hominio* serão considerados como outros generos; a posição do ser de Mauer e a do ser de Piltodon ainda estão sendo discutidas, mas o *Sinanthropus* de Pekin e o *Pithecanthropus* de Java são especies que entram num genero, ou, segundo os autores, em dois generos que não são o genero *hominio* mas o genero, ou os generos, *anthropianos*. Os generos *hominio* e *anthropiano* formam reunidos, segundo a regra habitual, uma familia, a familia dos *Homonídeos* (*Homonidae*).

Não ha que subir mais além. Mencionar-se-á apenas que, segundo a classificação Anthony, a familia dos Homonídeos forma com 6 outras familias (os Anthropopithecos, os Simídeos, os Hylobatídeos, os Sempnopithecos; os Cercopithecos, e os fosséis Parapithecos) a sub-ordem dos Catarrhíneos, que a sub-ordem dos Catarrhíneos forma com a sub-ordem dos Platyrrhíneos a ordem dos Simíídeos, e que a ordem dos Simíídeos, constitue, com as duas outras ordens dos Lemuroídeos e dos Tarsiíídeos, a sub-classe dos Primatas. Verificar-se-á que os Primatas, que eram outrora concebidos como uma ordem, foram erguidos por assim dizer, pelas novas divisões estabelecidas, elevados á posição de sub-classe, e poder-se-á dizer, em conclusão, que se ainda temos que esperar pela descoberta de novos elos, já a familia dos Homonídeos, no entanto, está solidamente incluída na sub-classe dos Primatas e no conjunto do reino animal.

Trad. de Augusto F. Lopes Gonçalves

1 — Para o dr. George Montandon anthropologia physica vem a ser a anthropologia no sentido restricto. Elle a divide em tres ramos: Anthropologia geral (que trata das generalidades — definições, métodos, bibliographia — e das questões biologicas — variabilidade, hereditariedade, mestiçagem, adaptação, eugenia); Anthropologia systematica (anatomica e physiologica — para descrever as fórmulas, os orgãos, as funções); Anthropologia racologica (estudo sobre as raças).

2 — As variações dos descendentes em relação aos ascendentes obedecem a um destes tres aspectos: 1 — Variação de fluctuação, que consiste em não ultrapassar certos limites, oscillando em torno de uma media; é uma propriedade de todos os grupos do mundo organizado e talvez do mundo inorganico; 2 — Variação de reversão, na qual o que ha é a volta de um ou mais caracteres á morphologia que tinham num ou varios ascendentes; 3 — Variação de mutação, que vem a ser uma brusca mudança de caracteres nos filhos que assim em muito ficam diferentes dos paes e acontecendo que esses caracteres novos são tão solidos quanto os dos paes e passam a ser transmitidos á descendência.